



RELATÓRIO MENSAL DE INVESTIMENTOS

JUNHO DE 2026

Autarquia Municipal de Previdência e Assistência à Saúde dos Servidores

1. Panorama Macroeconômico, Político e Geopolítico

O panorama macroeconômico de junho de 2026 foi marcado por uma inflexão significativa no cenário global, em particular pela desescalada dos preços do petróleo subsequente ao acordo de paz no Oriente Médio. Essa normalização das cotações da commodity representou um alívio nas pressões inflacionárias, tanto no cenário brasileiro quanto internacional, ainda que outros vetores de pressão sobre os preços permaneçam vigentes. O intenso fenômeno climático El Niño e o investimento massivo direcionado à Inteligência Artificial continuaram a pressionar custos de insumos e alimentos, mantendo a inflação ao atacado em níveis elevados e com transmissão potencial ao varejo.

No Brasil, o mês de junho marcou o período pré-eleitoral, com as campanhas começando a ganhar tração no contexto de legislação equilibradora da disputa. O ambiente político refletiu-se em volatilidade de curto prazo dos ativos, embora sem tradução em tendências definidas. A atividade econômica permaneceu suportada por medidas fiscais e parafiscais expansionistas, mantendo a demanda aquecida e o PIB acima do potencial. A dívida pública, porém, continuou sua trajetória ascendente, pressionada pelas maiores despesas financeiras e por fatores eleitorais que historicamente ampliam gastos governamentais.

O setor externo apresentou dinâmica mista: a queda nos preços do petróleo reduziu valor das exportações brasileiras, ampliando a projeção de déficit em conta corrente. Contudo, o balanço de pagamentos permaneceu favorável, suportado pelo forte ingresso de Investimento Direto no País. A taxa de câmbio permaneceu sob pressão por incerteza política e apreciação global do dólar, apesar do balanço de pagamentos positivo.

Nos Estados Unidos, o Federal Reserve mantinha uma postura de aperto monetário cauteloso, observando a evolução da inflação e do mercado de trabalho. A recuperação parcial do mercado acionário norte-americano no mês contrasta com a volatilidade do período anterior. A desaceleração gradual da atividade econômica no primeiro semestre começava a se refletir em sinais de moderação do mercado de trabalho.

Na Europa, o Banco Central Europeu permanecia em ciclo de manutenção de taxas elevadas, observando a trajetória da inflação. A recuperação econômica europeia prosseguia de forma gradual, com sinais variados conforme os setores e geografias.

Na China, as autoridades continuavam implementando medidas de suporte à atividade, enfrentando desafios estruturais na economia doméstica e pressões do comércio internacional. O crescimento permanecia em patamar moderado, refletindo tanto fatores cíclicos quanto mudanças estruturais no modelo de crescimento.

Neste contexto, os mercados de renda fixa apresentavam taxas em níveis historicamente altos, enquanto os mercados de renda variável refletiam a volatilidade política e os sinais macroeconômicos divergentes. A expectativa de corte de juros no Brasil em agosto começava a ser precificada nos preços dos ativos de renda fixa.

2. Cenário Esperado × Realizado

O contraste entre cenário esperado e realizado em junho de 2026 revela uma dinâmica complexa de parcial aderência às projeções macroeconômicas, com desvios importantes em variáveis chave como o desempenho da bolsa de valores e a trajetória dos juros longos.

Na dimensão fiscal, o comportamento confirmou-se próximo ao esperado, com a redução da arrecadação por petróleo sendo compensada pela redução de subsídios aos combustíveis, resultando em déficit primário que convergiu aos patamares projetados. A dívida/PIB, porém, permaneceu em pressão elevada, refletindo o ambiente eleitoral e a ampliação das despesas financeiras, sem que as expectativas de ajuste fiscal maior se materializassem no período.

Na inflação, houve surpresa positiva: a queda mais acentuada do petróleo reduziu pressões de curto prazo, permitindo a redução da projeção do IPCA de 5,5% para 5,2%. Este movimento contrasta com o cenário esperado de inflação "dentro da margem" e revela-se mais favorável. Contudo, os vetores de inflação ao atacado (IPA-FGV acumulando 3,2% no período) mantêm-se como risco, com transmissão potencial à inflação ao consumidor.

Na dimensão dos juros, observou-se parcial aderência: a Selic ao final de junho permanecia em 14,25% a.a., com expectativa de mais um corte em agosto, confirmando o viés de redução esperado, embora a magnitude total de queda projetada (de 15% para 12% ao fim do ano) estivesse em revisão. A curva de juros longos (NTN-B) apresentou comportamento parcialmente aderente, com índices como IMA-B acumulando 4,08% no ano, favorecido pelos cortes de juros, ainda que não tão acentuadamente quanto esperado no cenário base.

O desempenho do Ibovespa em junho refletiu significativo desvio em relação à expectativa de alta de 20% para o ano: a queda de -1,01% no mês e acumulado de 6,76% no ano ficou abaixo do cenário base de forte valorização. Isto reflete volatilidade política, incerteza sobre policy mix fiscal-monetário e realização de lucros após fase anterior de ganhos. A redução do número de ações negociáveis contribuiu para dinâmica de preços mais sensível a fluxos, como esperado, mas não impediu volatilidade desfavorável.

No câmbio, o cenário esperado de apreciação pressão (paridade em 5,00 reais por dólar ao final de 2026) começava a ganhar tração em junho, com o dólar sob pressão de redução de prêmio de risco global e com suporte do balanço de pagamentos brasileiro, apesar dos riscos políticos.

No PIB, a projeção foi mantida em 2,0% para 2026, consistente com expectativas de menor crescimento em ambiente de juros altos, ainda que com viés de alta por medidas expansionistas acumuladas.

Sinteticamente, o cenário confirmou aderência geral à política de investimentos no tocante à inflação e juros, com destaque para surpresa positiva no IPCA. Apresentou, contudo, desvio significativo no desempenho da renda variável, refletindo fatores políticos e de volatilidade de curto prazo.

Comparativo — Esperado × Realizado

Indicador	Cenário Esperado	Realizado	Aderência	Observações
Selic (taxa de juros de curto prazo)	Redução de 15% para 12% ao fim de 2026	Permanecendo em 14,25% em junho, com expectativa confirmada de mais um corte em agosto	 Parcial	Processo de redução iniciando conforme esperado, porém mantendo-se em patamar ainda restritivo. Previsão de corte de 0,25 p.p. em agosto confirmada.
Juros longos (NTN-B e IMA-B)	Fechamento da curva ao longo do ano, favorecendo investimentos em ativos de longo prazo	IMA-B acumulado de 4,08% no ano; IMA-B 5 com ganho acumulado de 6,48%; cortes refletidos em marcação a mercado	 Aderente	Curva de juros apresentou dinâmica favorável ao cenário esperado, com precificação de ciclo de cortes beneficiando índices.
Dívida/PIB	Redução do crescimento mais para final do ano; ajuste fiscal esperado pós-eleições	Pressão elevada da dívida conforme projeções XP (DBGG em 83,3% do PIB); compensação entre menor arrecadação de petróleo e subsídios	 Parcial	Trajetória de pressão continua sem sinais concretos de ajuste maior no período eleitoral. Ambiente fiscal permanece desafiador.
Bolsa de Valores (Ibovespa)	Alta de aproximadamente 20% para o ano	Queda de -1,01% em junho; acumulado no ano de 6,76%	 Desvio	Desempenho ainda inferior ao esperado. Volatilidade política, incertezas fiscais e realização de lucros pressionaram o índice.
IPCA (inflação)	Término do ano dentro da margem de tolerância	Projeção reduzida para 5,2% (ante anterior de 5,5%) pela queda do petróleo; alívio de pressões de curto prazo	 Aderente	Surpresa positiva com queda do petróleo. Contudo, pressões de inflação ao atacado (IPA 3,2% acumulado) mantêm risco de repasse futuro.
PIB	Crescimento menor em 2026 face altos patamares de juros	Projeção mantida em 2,0% com viés de alta por medidas expansionistas acumuladas	 Aderente	Dinâmica de estímulos fiscais compensando parcialmente o aperto monetário. Atividade permanece

				acima do potencial.
Câmbio	Pressão para apreciação; paridade em 5,00 reais por dólar ao final de 2026	Dinâmica de pressão refletindo incerteza política e apreciação global do dólar, com balanço de pagamentos favorável suportando expectativas de convergência	 Parcial	Pressões concorrentes (incerteza política vs. balanço de pagamentos favorável) mantêm volatilidade. Trajetória para 5,00 em linha com projeção.
Desemprego	Redução gradual ao longo do ano	Projeção mantida em 5,6% ao final de 2026 (ante 5,3% em 2025); sinais de moderação no mercado de trabalho	 Parcial	Mercado de trabalho apresenta sinais de moderação, refletindo desaceleração gradual da atividade econômica.
CDI	Rentabilidade conforme níveis de juros	1,12% em junho; acumulado no ano de 6,85%	 Aderente	CDI evoluindo consistentemente com taxa Selic, fornecendo piso de rentabilidade para renda fixa.
Índices de renda fixa (IMA)	Taxas historicamente altas com perspectiva de fechamento da curva favorecendo, principalmente, índices de maior duration	IMA-B 5+ com ganho acumulado de apenas 2,20%; IMA-B 5 com 6,48%; IRF-M 1+ com 4,47%	 Parcial	Ganhos em renda fixa aquém do potencial esperado, refletindo volatilidade de precificação no período e dinâmica de expectativas flutuantes.

Conclusão da Análise

O cenário de junho de 2026 apresentou aderência geral aos patamares projetados pela Política de Investimentos, com desvios concentrados no segmento de renda variável e sinais mistos na dinâmica de juros longos. A surpresa positiva na inflação, impulsionada pela queda do petróleo além do esperado, refletiu-se em expectativas revisadas para baixo e em melhor perspectiva de ciclo de corte de juros. Contudo, pressões fiscais elevadas, ambiente político de incerteza e volatilidade de ativos de risco mantiveram o cenário desafiador. Os índices de renda fixa beneficiaram-se com fechamento da curva de juros, embora com magnitude moderada. A bolsa de valores registrou performance abaixo de projeções, refletindo volatilidade política e realização de lucros. No agregado, o ambiente mantém características de desafio equilibrado: inflação sob controle potencial, mas juros ainda

elevados; demanda aquecida por estímulos, mas sustentabilidade fiscal em questão; e renda variável sob pressão de incertezas políticas, mas com suporte de fatores macroeconômicos fundamentais favoráveis no médio prazo.

3. Eventos Macroeconômicos por Região

Brasil

O mês de junho de 2026 marcou um ponto de inflexão importante no calendário político brasileiro, com o início oficial das campanhas eleitorais sob novo regime legislativo. As pesquisas de opinião refletiram dinâmica fluida, com a popularidade do Presidente Lula em gradual recuperação decorrente dos impactos dos estímulos econômicos recentes, enquanto o principal candidato de oposição enfrentava momentos de menor terreno político. Essa dinâmica de incerteza foi precificada nos mercados de ativos através de volatilidade intra-período, apesar de não gerar tendências definidas até a data de fechamento de junho.

No plano econômico, a economia brasileira permanecia suportada por medidas fiscais e parafiscais expansionistas acumuladas, mantendo a atividade acima do potencial. O PIB continuava em trajetória de crescimento moderado, projetado em 2,0% para 2026, refletindo a combinação entre estímulos e aperto monetário. A inflação registrou alívio inesperado no mês, impulsionado pela queda mais acentuada dos preços do petróleo decorrente do acordo de paz no Oriente Médio. A redução da premissa de preço do barril de Brent de 85 para 75 dólares no segundo semestre resultou em revisão da projeção de IPCA de 5,5% para 5,2%, representando surpresa positiva em relação aos cenários anteriormente divulgados.

Contudo, a inflação ao atacado permanecia em patamares preocupantes, com o IPA-FGV acumulando 3,2% no período, refletindo pressões relacionadas ao El Niño e aos investimentos em Inteligência Artificial que elevaram custos de componentes tecnológicos e alimentos. Esse vetor de pressão ao atacado mantinha-se como risco para transmissão futura à inflação ao consumidor.

A postura do Banco Central refletiu cautela: a Selic em 14,25% em junho ocorria com sinalização clara de primeiro corte de 0,25 p.p. em agosto, confirmando o viés de flexibilização. Fundamentos ainda desfavoráveis, porém, sugeriam pausa nas reduções após agosto, com a política monetária permanecendo em nível restritivo. Estimativas apontavam para taxa Selic de 14,00% ao final de 2026, evoluindo para 11,50% ao final de 2027 caso se materializassem ajustes fiscais parciais e dissipassem choques de oferta.

Na dimensão fiscal, a menor arrecadação por queda nos preços do petróleo foi compensada pela redução da subvenção aos combustíveis, levando o déficit primário a 0,3% do PIB conforme projeções. Contudo, maiores despesas financeiras e o calendário eleitoral ampliaram pressões no setor público, elevando o impulso fiscal/parafiscal e pressionando a trajetória da dívida. A dívida bruta do governo geral (DBGG) permanecia em patamar elevado (83,3% do PIB), com perspectiva de continuidade de crescimento.

No setor externo, a queda nos preços do petróleo reduziu significativamente o valor das exportações brasileiras, ampliando a projeção de déficit em conta corrente de 2,1% para 2,5% do PIB em 2026. Os maiores gastos com serviços reforçaram essa dinâmica. Contudo, o Investimento Direto no País permanecia robusto, com projeção de ingresso líquido em 3,1% do PIB, fornecendo suporte ao balanço de pagamentos. A taxa de câmbio permanecia sob pressão de fatores múltiplos: incerteza política, apreciação global do dólar, e menor arrecadação em moeda forte por petróleo. Apesar disso, o balanço de pagamentos favorável suportava a projeção de convergência para 5,00 reais por dólar ao final de 2026.

No mercado de trabalho, observaram-se sinais de moderação gradual, consistentes com a desaceleração cíclica da atividade econômica em ambiente de juros elevados. A taxa de desocupação foi mantida em projeção de 5,6% ao final de 2026, refletindo tendência de ajuste através de redução do ritmo de criação de empregos mais que de destruição estruturada.

O mercado de renda variável brasileira refletiu essa dinâmica de volatilidade política e incerteza fiscal: o Ibovespa acumulou queda de -1,01% em junho, totalizando ganho de 6,76% no acumulado do ano, aquém da expectativa inicial de alta de 20%. Índices setoriais apresentaram desempenho variado, com realização de lucros e rebalanceamento de carteiras contribuindo para volatilidade de curto prazo.

Estados Unidos

Os Estados Unidos em junho de 2026 mantiveram o Fed em postura de aperto monetário cauteloso, observando cuidadosamente a evolução da inflação e sinais do mercado de trabalho. A recuperação parcial do mercado acionário no mês, com o S&P 500 registrando ganho de 1,28% em junho e acumulado de 3,07% no ano, refletiu reequilíbrio de posições após volatilidade dos períodos anteriores. A dinâmica de preços foi suportada pelo cenário de crescimento moderado da economia americana, com evidências de desaceleração gradual em linha com expectativas de ciclo de aperto monetário prolongado.

Os preços do petróleo, que haviam sido um vetor importante de pressão inflacionária global, recuaram significativamente no período subsequente ao acordo de paz no Oriente Médio. Essa dinâmica reduziu a probabilidade de novos aumentos de taxas pelo Fed no curto prazo, reduzindo também pressões inflacionárias sobre componentes de energia nos índices de preços ao consumidor norte-americano. O CPI americano permanecia sob observação atenta das autoridades monetárias, com focos em componentes de núcleo e em dinâmica de demanda agregada.

O mercado de trabalho norte-americano apresentava sinais de moderação, consistentes com dinâmica de desaceleração cíclica. O payroll não registrava surpresas significativas, mantendo-se em ritmo moderado de criação de postos. A taxa de desemprego permanecia em patamar historicamente baixo, refletindo mercado de trabalho ainda relativamente firme, mas com sinais crescentes de moderação.

Os índices acionários norte-americanos apresentaram dinâmica de ganhos modestos no acumulado do ano, com o Russell 1000 Growth Price Index registrando queda de -1,20% no ano, refletindo realocação de fluxos em contexto de taxas de juros elevadas e incerteza sobre sustentabilidade de

avaliações de empresas de tecnologia intensivamente beneficiadas por investimentos em Inteligência Artificial.

A dinâmica de política comercial permanecia em radar dos mercados, com discussões em torno de potenciais medidas protecionistas e seus impactos em cadeias de suprimento globais. O cenário de crescimento moderado, conjugado com inflação ainda em nível elevado, mantinha o Fed em postura de continuação de taxas elevadas, suportando ativos defensivos e reduzindo apetite por risco em ativos cíclicos.

Europa

O ambiente macroeconômico europeu em junho de 2026 permanecia marcado por recuperação econômica gradual e cautela nas políticas monetárias. O Banco Central Europeu mantinha sua postura de manutenção de taxas de juros em níveis elevados, observando a trajetória da inflação na Zona do Euro e ajustando expectativas conforme dados correntes de preços e atividade. A queda nos preços do petróleo, resultante do acordo de paz no Oriente Médio, proporcionou alívio nas pressões inflacionárias, permitindo uma avaliação menos urgente de aperto adicional.

A atividade econômica europeia prosseguia em trajetória de crescimento moderado, com dinâmica variada conforme geografias e setores. A inflação ao consumidor permanecia acima das metas do BCE em múltiplos países, refletindo pressões estruturais de custos e dinâmicas de mercado de trabalho firmes em certas regiões. As medidas de inflação ao produtor, contudo, começavam a registrar alívio decorrente da queda de commodities e componentes de energia.

No mercado de ativos, o MSCI World, que inclui ponderação significativa de títulos europeus, registrou ganho de 1,54% em junho e acumulado de 2,47% no ano, refletindo reequilíbrio de posições e expectativas de moderação nas políticas monetárias no horizonte. Mercados de renda fixa europeus apresentavam dinâmica de realização, com investidores ajustando posições conforme revisão das expectativas de trajetória de taxas do BCE.

As discussões políticas em diversos países europeus continuavam em foco, refletindo ciclos eleitorais e debates sobre políticas fiscais e estruturais. O cenário geral permanecia de cautela, com autoridades monetárias e políticas ajustando ações conforme evidências de crescimento e preços.

China

A economia chinesa em junho de 2026 permanecia em trajetória de crescimento moderado, com autoridades implementando medidas de suporte à atividade interna em resposta a desafios estruturais e cíclicos. O crescimento econômico refletia tanto fatores de desaceleração natural associados a mudanças estruturais no modelo de desenvolvimento do país, quanto pressões cíclicas decorrentes do aperto monetário global e tensões comerciais persistentes.

As autoridades chinesas continuavam implementando estímulos fiscais e monetários, buscando manutenção da estabilidade do crescimento. Contudo, limites políticos e de espaço fiscal limitavam magnitude de intervenções. O setor imobiliário, que representava proporção significativa da

atividade econômica chinesa, permanecia sob pressão, refletindo fatores estruturais de excesso de oferta e mudanças nas preferências de investimento de famílias.

No mercado de trabalho, o desemprego permanecia em níveis gerenciáveis do ponto de vista das autoridades, embora com sinais de moderação na criação de empregos. A inflação permanecia moderada, refletindo dinâmica de demanda mais fraca e capacidade ociosa em múltiplos setores.

No mercado de ativos chineses, volatilidade permanecia presente, refletindo debates sobre sustentabilidade das medidas de suporte, efetividade de estímulos e perspectivas de crescimento de longo prazo. O comércio internacional permanecia em foco, com negociações comerciais e potenciais tensões entre China e parceiros comerciais influenciando sentimento de investidores. Fluxos de capital refletiam essa dinâmica de cautela, com investidores reavaliando posições em ativos chineses conforme perspectivas de crescimento.

4. Principais Indicadores Macroeconômicos

IPCA — Inflação ao Consumidor (Brasil)

Segundo a mediana do mercado conforme Boletim Focus do dia 2026-06-30, IPCA projetado em 5.33% para o ano de 2026. Este patamar representa alívio em relação a projeções anteriores, impulsionado pela queda significativa dos preços do petróleo subsequente ao acordo de paz no Oriente Médio, que reduziu premissas de precificação do barril de Brent de 85 para 75 dólares no segundo semestre. Contudo, pressões de inflação ao atacado, medida pelo IPA-FGV em acúmulo de 3,2% no período de janeiro a junho, permanecem como risco de transmissão futura à inflação ao consumidor. Componentes relacionados ao El Niño e investimentos em Inteligência Artificial continuam pressionando custos de alimentos e insumos tecnológicos. O cenário fiscal expansionista, com manutenção de demanda aquecida, também representa vetor de risco para convergência da inflação aos patamares mais baixos.

Selic — Taxa Básica de Juros (Brasil)

Segundo a mediana do mercado conforme Boletim Focus do dia 2026-06-30, taxa Selic projetada em 14.00% a.a. para o final de 2026. Durante junho, a taxa permanecia em 14,25% a.a., com expectativa confirmada de corte de 0,25 p.p. em agosto. A trajetória de flexibilização monetária reflete revisão das perspectivas inflacionárias e sinais de moderação da atividade econômica. Contudo, fundamentos fiscais ainda desfavoráveis e riscos inflacionários persistentes sugerem que o processo de redução será gradual e potencialmente interrompido por pausas para avaliação. Projeções de mercado indicam Selic de 11,50% ao final de 2027, contingente à implementação de medidas fiscais parciais e dissipação de choques de oferta.

PIB — Produto Interno Bruto (Brasil)

Segundo a mediana do mercado conforme Boletim Focus do dia 2026-06-30, crescimento do PIB real projetado em 1.99% para 2026. Projetos de gestoras de investimento indicam aceleração potencial para 2,0%, com viés de alta em função da acumulação de medidas expansionistas. Este patamar

reflete equilíbrio entre aperto monetário restritivo e estímulos fiscais de natureza temporária. O crescimento permanece abaixo do potencial de longo prazo, sugerindo economia operando com capacidade ociosa. Para 2027, projeções indicam desaceleração para 1,0%, refletindo fim dos efeitos de estímulos de curto prazo e recuo cíclico potencial do crédito.

Câmbio — BRL/USD

Segundo a mediana do mercado conforme Boletim Focus do dia 2026-06-30, taxa de câmbio projetada em R\$ 5.2000/US\$ para o final de 2026. Projeções de gestoras indicam possível convergência para 5,00 reais por dólar até o final do ano, refletindo suporte do balanço de pagamentos favorável e perspectiva de moderação de prêmio de risco político. Contudo, no curto prazo, a taxa permanece sob pressão de múltiplos fatores: incerteza política em processo eleitoral, apreciação global do dólar, redução de receitas de exportações de petróleo em dólar, e volatilidade de fluxos de renda. O Investimento Direto no País, projetado em 3,1% do PIB, fornece suporte estrutural ao balanço de pagamentos, mas não impede dinâmica de volatilidade de curto prazo.

Desemprego — PNAD Contínua (Brasil)

Segundo a mediana do mercado conforme Boletim Focus do dia 2026-06-30, taxa de desocupação projetada em 5.40% para 2026. Projeções de gestoras de investimento indicam 5,6% ao final de 2026, refletindo sinais crescentes de moderação no mercado de trabalho. A dinâmica observada é mais de redução de ritmo de criação de empregos do que de destruição de postos em massa, consistente com desaceleração cíclica gradual da atividade. Para 2027, expectativas apontam para 6,3%, sugerindo continuidade do ciclo de moderação em contexto de aperto monetário persistente.

Balança Comercial (Brasil)

A balança comercial permanece sob pressão decorrente da queda significativa nos preços do petróleo, principal commodity de exportação brasileira. Projeção de gestoras indica superávit comercial de 70,2 bilhões de dólares para 2026, redução em relação à premissa anterior de 76,5 bilhões. A queda de 6,3 bilhões reflete baixa de receitas de petróleo não compensada por expansão suficiente de demanda por outras categorias de exportação. Importações mantêm-se em patamar moderado (308,0 bilhões de dólares) dado o aperto monetário doméstico. O déficit em conta corrente ampliou-se de 2,1% para 2,5% do PIB (equivalente a -67,6 bilhões de dólares), refletindo não apenas menor superávit comercial como também maiores despesas com serviços.

Produção Industrial (Brasil)

A produção industrial brasileira permanece sob pressão de múltiplos fatores: aperto monetário com juros em 15,0% reduz demanda por bens de capital e bem de consumo duráveis; incerteza política reflete-se em postergação de decisões de investimento; e presença de pressões inflacionárias ao atacado reflete-se em pressionamento de margens. Enquanto dados específicos de junho não foram disponibilizados, a trajetória observada até o período anterior indicava crescimento moderado e volátil. A redução de ritmo de atividade é consistente com projeção de PIB em 2,0% e sinais de moderação do mercado de trabalho.

CPI — Inflação ao Consumidor (EUA)

O Índice de Preços ao Consumidor norte-americano permanecia em nível elevado em junho de 2026, ainda acima das metas do Federal Reserve. A queda significativa nos preços do petróleo, iniciada após acordo de paz no Oriente Médio, começava a proporcionar alívio nas pressões inflacionárias de curto prazo, particularmente em componentes de energia. Contudo, pressões de núcleo permanecem em avaliação, refletindo dinâmica de mercado de trabalho ainda firme e potencial repasse de custos de componentes tecnológicos elevados por investimentos em IA. O Fed permanecia em vigilância, avaliando trajetória de inflação como fator crucial para decisões futuras de política monetária.

Fed Funds Rate — Taxa de Juros EUA

A taxa de fed funds permanecia em patamar elevado durante junho de 2026, refletindo ciclo de aperto monetário do Federal Reserve. Enquanto sinais de moderação da inflação começavam a emergir, fundamentos de inflação ainda elevados mantinham a postura da autoridade monetária cautelosa. Projeções de mercado indicavam continuação de taxas elevadas até evidência mais clara de desinflação sustentada, sem sinais imediatos de cortes significativos. A dinâmica de política monetária norte-americana influenciava fluxos de capital globais, incluindo Brasil, através de pressões de diferenciais de taxa de juros.

Payroll — Criação de Empregos (EUA)

O mercado de trabalho norte-americano em junho apresentava dinâmica de moderação gradual. Dados de nonfarm payroll não apresentavam surpresas significativas, com criação de empregos em ritmo moderado, consistente com trajetória de desaceleração econômica cíclica. A taxa de desemprego permanecia em níveis historicamente baixos, porém com sinais crescentes de pressão, refletindo ajuste da demanda por trabalho conforme economia desacelera. A dinâmica é consistente com cenário de aperto monetário prolongado moderando gradualmente demanda agregada.

PMI — Índice de Atividade Global

Os índices de gerentes de compras globais em junho refletiram dinâmica variada conforme geografias: no Brasil, PMI manufatureiro permanecia sob pressão de aperto monetário e incerteza política, com sinais de contração potencial em alguns setores. Nos Estados Unidos, PMI mantinha-se próximo a patamares de contração, refletindo desaceleração da atividade. Na Europa, PMI permanecia em dinâmica de recuperação gradual, com setores de serviços exibindo resiliência maior que manufatura. Na China, dinâmica de PMI refletia efeitos de estímulos e medidas de suporte, porém sem sinais de recuperação vigorosa. O cenário global é de atividade desacelerada, consistente com ciclo de aperto monetário em vigência.

Resumo dos Indicadores

Indicador	Região	Situação / Observação
IPCA	Brasil	Segundo a mediana do mercado conforme Boletim Focus do dia 2026-

		06-30, IPCA projetado em 5.33% para o ano de 2026. Este patamar representa alívio em relação a projeções anteriores, impulsionado pela queda significativa dos preços do petróleo subsequente ao acordo de paz no Oriente Médio, que reduziu premissas de precificação do barril de Brent de 85 para 75 dólares no segundo semestre. Contudo, pressões de inflação ao atacado, medida pelo IPA-FGV em acúmulo de 3,2% no período de janeiro a junho, permanecem como risco de transmissão futura à inflação ao consumidor. Componentes relacionados ao El Niño e investimentos em Inteligência Artificial continuam pressionando custos de alimentos e insumos tecnológicos. O cenário fiscal expansionista, com manutenção de demanda aquecida, também representa vetor de risco para convergência da inflação aos patamares mais baixos.
Selic	Brasil	Segundo a mediana do mercado conforme Boletim Focus do dia 2026-06-30, taxa Selic projetada em 14.00% a.a. para o final de 2026. Durante junho, a taxa permanecia em 14,25% a.a., com expectativa confirmada de corte de 0,25 p.p. em agosto. A trajetória de flexibilização monetária reflete revisão das perspectivas inflacionárias e sinais de moderação da atividade econômica. Contudo, fundamentos fiscais ainda desfavoráveis e riscos inflacionários persistentes sugerem que o processo de redução será gradual e potencialmente interrompido por pausas para avaliação. Projeções de mercado indicam Selic de 11,50% ao final de 2027, contingente à implementação de medidas fiscais parciais e dissipação de choques de oferta.
PIB	Brasil	Segundo a mediana do mercado conforme Boletim Focus do dia 2026-06-30, crescimento do PIB real

		projetado em 1.99% para 2026. Projetos de gestoras de investimento indicam aceleração potencial para 2,0%, com viés de alta em função da acumulação de medidas expansionistas. Este patamar reflete equilíbrio entre aperto monetário restritivo e estímulos fiscais de natureza temporária. O crescimento permanece abaixo do potencial de longo prazo, sugerindo economia operando com capacidade ociosa. Para 2027, projeções indicam desaceleração para 1,0%, refletindo fim dos efeitos de estímulos de curto prazo e recuo cíclico potencial do crédito.
Câmbio (BRL/USD)	Brasil	Segundo a mediana do mercado conforme Boletim Focus do dia 2026-06-30, taxa de câmbio projetada em R\$ 5.2000/US\$ para o final de 2026. Projeções de gestoras indicam possível convergência para 5,00 reais por dólar até o final do ano, refletindo suporte do balanço de pagamentos favorável e perspectiva de moderação de prêmio de risco político. Contudo, no curto prazo, a taxa permanece sob pressão de múltiplos fatores: incerteza política em processo eleitoral, apreciação global do dólar, redução de receitas de exportações de petróleo em dólar, e volatilidade de fluxos de renda. O Investimento Direto no País, projetado em 3,1% do PIB, fornece suporte estrutural ao balanço de pagamentos, mas não impede dinâmica de volatilidade de curto prazo.
Desemprego (PNAD)	Brasil	Segundo a mediana do mercado conforme Boletim Focus do dia 2026-06-30, taxa de desocupação projetada em 5.40% para 2026. Projeções de gestoras de investimento indicam 5,6% ao final de 2026, refletindo sinais crescentes de moderação no mercado de trabalho. A dinâmica observada é mais de redução de ritmo de criação de empregos do que de destruição de postos em massa, consistente com desaceleração cíclica

		gradual da atividade. Para 2027, expectativas apontam para 6,3%, sugerindo continuidade do ciclo de moderação em contexto de aperto monetário persistente.
Balança Comercial	Brasil	A balança comercial permanece sob pressão decorrente da queda significativa nos preços do petróleo, principal commodity de exportação brasileira. Projeção de gestoras indica superávit comercial de 70,2 bilhões de dólares para 2026, redução em relação à premissa anterior de 76,5 bilhões. A queda de 6,3 bilhões reflete baixa de receitas de petróleo não compensada por expansão suficiente de demanda por outras categorias de exportação. Importações mantêm-se em patamar moderado (308,0 bilhões de dólares) dado o aperto monetário doméstico. O déficit em conta corrente ampliou-se de 2,1% para 2,5% do PIB (equivalente a -67,6 bilhões de dólares), refletindo não apenas menor superávit comercial como também maiores despesas com serviços.
Produção Industrial	Brasil	A produção industrial brasileira permanece sob pressão de múltiplos fatores: aperto monetário com juros em 15,0% reduz demanda por bens de capital e bem de consumo duráveis; incerteza política reflete-se em postergação de decisões de investimento; e presença de pressões inflacionárias ao atacado reflete-se em pressionamento de margens. Enquanto dados específicos de junho não foram disponibilizados, a trajetória observada até o período anterior indicava crescimento moderado e volátil. A redução de ritmo de atividade é consistente com projeção de PIB em 2,0% e sinais de moderação do mercado de trabalho.
CPI EUA	EUA	O Índice de Preços ao Consumidor norte-americano permanecia em nível elevado em junho de 2026, ainda acima das metas do Federal Reserve. A queda significativa nos preços do

		petróleo, iniciada após acordo de paz no Oriente Médio, começava a proporcionar alívio nas pressões inflacionárias de curto prazo, particularmente em componentes de energia. Contudo, pressões de núcleo permanecem em avaliação, refletindo dinâmica de mercado de trabalho ainda firme e potencial repasse de custos de componentes tecnológicos elevados por investimentos em IA. O Fed permanecia em vigilância, avaliando trajetória de inflação como fator crucial para decisões futuras de política monetária.
Fed Funds Rate	EUA	A taxa de fed funds permanecia em patamar elevado durante junho de 2026, refletindo ciclo de aperto monetário do Federal Reserve. Enquanto sinais de moderação da inflação começavam a emergir, fundamentos de inflação ainda elevados mantinham a postura da autoridade monetária cautelosa. Projeções de mercado indicavam continuação de taxas elevadas até evidência mais clara de desinflação sustentada, sem sinais imediatos de cortes significativos. A dinâmica de política monetária norte-americana influenciava fluxos de capital globais, incluindo Brasil, através de pressões de diferenciais de taxa de juros.
Payroll (NFP)	EUA	O mercado de trabalho norte-americano em junho apresentava dinâmica de moderação gradual. Dados de nonfarm payroll não apresentavam surpresas significativas, com criação de empregos em ritmo moderado, consistente com trajetória de desaceleração econômica cíclica. A taxa de desemprego permanecia em níveis historicamente baixos, porém com sinais crescentes de pressão, refletindo ajuste da demanda por trabalho conforme economia desacelera. A dinâmica é consistente com cenário de aperto monetário prolongado moderando gradualmente demanda agregada.

PMI Global	Global	Os índices de gerentes de compras globais em junho refletiram dinâmica variada conforme geografias: no Brasil, PMI manufatureiro permanecia sob pressão de aperto monetário e incerteza política, com sinais de contração potencial em alguns setores. Nos Estados Unidos, PMI mantinha-se próximo a patamares de contração, refletindo desaceleração da atividade. Na Europa, PMI permanecia em dinâmica de recuperação gradual, com setores de serviços exibindo resiliência maior que manufatura. Na China, dinâmica de PMI refletia efeitos de estímulos e medidas de suporte, porém sem sinais de recuperação vigorosa. O cenário global é de atividade desacelerada, consistente com ciclo de aperto monetário em vigência.
------------	--------	---

5. Impacto do Cenário nos Investimentos

5.1 Renda Fixa

Títulos Prefixados

Impacto do Cenário: O segmento de renda fixa prefixada beneficiou-se em junho de dinâmica de precificação de cortes de juros esperados. Com a taxa Selic em 14,25% a.a. e expectativa confirmada de corte de 0,25 p.p. em agosto, títulos prefixados já internalizavam redução de reinvestimento futuro. A manutenção de prazos alongados e redução de volatilidade de expectativas durante parte do mês favoreceu marcação a mercado de posições. Contudo, persistência de pressões fiscais e risco de revisão de trajetória de cortes em resposta a choques inflacionários mantiveram volatilidade do segmento. O impacto do cenário é, portanto, moderadamente positivo, com suporte de dinâmica de expectativas de flexibilização.

Desempenho Observado: O segmento de renda fixa prefixada apresentou desempenho positivo em junho. Índices como IRF-M acumularam 5,06% no ano, enquanto IRF-M 1 apresentou ganho anual de 6,63%, beneficiados pelo ciclo de cortes esperados. O risco de revisão para cima de trajetória de juros, caso inflação ao atacado se materializasse em repasse ao consumidor, limitou magnitude de ganhos. A dinâmica foi de ganhos moderados sustentados por precificação de ciclo benevolente de juros.

Perspectivas: Para o período seguinte, o segmento de renda fixa prefixada permanece com perspectivas positivas, contingente à materialização de cortes de juros conforme sinalizado. O primeiro corte em agosto deve ser o catalisador para ganhos adicionais, particularmente se fluxos de reinvestimento forem reduzidos. Contudo, riscos de repasse de inflação ao atacado e dinâmica política podem resultar em volatilidade. A estratégia de exposição alongada aos prazos mais longos mantém-se apropriada em cenário de cortes esperados, porém requerendo vigilância em indicadores de pressão inflacionária.

Títulos Pós-fixados

Impacto do Cenário: O segmento de renda fixa pós-fixada, representado principalmente por índices como CDI e IRF-M 1, permanece em impacto negativo do cenário de redução de juros esperada. Com Selic em 14,25% a.a. e expectativa de queda para 14,0% em 2026, o reinvestimento em ativos pós-fixados reduz-se gradualmente. O CDI em 1,12% em junho reflete tal dinâmica de redução de rentabilidade comparado a períodos anteriores. Para investidores com horizonte de curto prazo e preferência por risco mínimo, o segmento permanece adequado; para horizonte mais longo, o impacto é de redução de retorno esperado.

Desempenho Observado: O segmento pós-fixado apresentou desempenho consistente com piso de rentabilidade do CDI em 1,12% no mês, acumulando 6,85% no ano. Tal desempenho permanece robusto em valor absoluto, embora representando redução relativa comparado a períodos anteriores de juros mais elevados. A dinâmica é previsível e oferece proteção contra volatilidade, sendo apropriada para parcela de carteiras de investidores com aversão ao risco de taxa de juros.

Perspectivas: Para períodos seguintes, o segmento pós-fixado permanecerá sob pressão de redução de rentabilidade conforme materialização de cortes de juros. A estratégia apropriada é de realocação gradual de posições pós-fixadas em direção a prazos mais alongados ou segmentos de renda variável conforme redução de juros se materializar. Manutenção de pequena parcela em pós-fixado oferece liquidez e proteção contra piora de cenário, porém não deve ser estratégia dominante em horizonte de cortes esperados.

Títulos IPCA+

{

"impacto": "O segmento de renda fixa com estrutura IPCA+ beneficia-se de dois vetores em junho: primeiro, alívio nas expectativas de inflação decorrente da queda dos preços do petróleo; segundo, expectativa de cortes de juros que reduz o prêmio real ("+" na estrutura IPCA+). O impacto é ambíguo: alívio inflacionário reduz o componente de inflação futura precificado, enquanto cortes de juros reduzem o spread real. Na prática, em cenário de inflação moderada e juros em redução, o segmento IPCA+ oferece retorno real moderado com redução de volatilidade relativa a prefixado puro.",

"desempenho": "O segmento IPCA+ apresentou desempenho moderado em junho. Índices como IMA-B 5 (próximo a estrutura IPCA+) acumularam 6,48% no ano, enquanto IMA-B Total acumulou 4,08%, refletindo dinâmica de heterogeneidade conforme premissas de inflação e redemption na estrutura. O desempenho observado é consistente com precificação de cenário de inflação sob controle (IPCA em 5,33% conforme Focus) e cortes de juros esperados.",

"perspectivas": "Para períodos seguintes, o segmento IPCA+ permanece apropriado para investidores com horizonte de longo prazo e preferência por proteção contra inflação. A redução de prêmio real decorrente de cortes de juros pode resultar em volatilidade de curto prazo, particularmente em estruturas de vencimento mais alongado. Estratégia de rolar posições conforme materialização de cortes de juros pode otimizar retorno esperado."

}

5.2 Renda Variável

O segmento de renda variável em junho enfrentou dinâmica desafiadora, refletindo múltiplos vetores: incerteza política em contexto de processo eleitoral, volatilidade de expectativas de corte de juros, e realização de lucros após período anterior de ganhos. O Ibovespa registrou queda de -1,01%

em junho, acumulando ganho de 6,76% no ano, desempenho significativamente inferior à expectativa inicial de alta de 20%. Índices como IBX (-1,14% em junho) e IBX-50 (-1,28%) apresentaram dinâmica similar. Setores cíclicos como construção e bens de consumo duráveis permaneceram sob pressão de aperto monetário, enquanto setores defensivos e de utilidade pública relativamente resistiram. O impacto do cenário de juros elevados é negativo para renda variável, particularmente para empresas com alto nível de endividamento ou receitas muito sensíveis a demanda cíclica. A expectativa de corte de juros a partir de agosto fornece suporte potencial para períodos subsequentes, porém incerteza política mantém o sentimento cauteloso. Estratégia de valor apresenta potencial de ganho em períodos de redução de taxa de desconto decorrente de cortes de juros. Gestores permanecem vigilantes em seleção de ativos, priorizando empresas com geração de caixa robusta, posicionamento competitivo resiliente, e exposição reduzida a dinâmicas de demanda cíclica.

6. Índices de Mercado

Os índices de mercado em junho de 2026 refletiram dinâmica de volatilidade moderada e reposicionamento de fluxos em resposta a mudanças de expectativas macroeconômicas. O índice CDI, piso de rentabilidade de renda fixa, registrou 1,12% no mês, fornecendo benchmark de referência. Índices de renda fixa apresentaram performance variada: IMA-B Total acumulou 4,08% no ano, enquanto índices de maior duration como IMA-B 5+ acumularam apenas 2,20%, refletindo volatilidade de precificação. Este padrão é típico de ambiente de incerteza sobre trajetória de juros, onde investidores reduzem alocação em prazos mais alongados como forma de proteção.

Na renda variável, o Ibovespa acumulou 6,76% no ano comparado à expectativa inicial de 20%, refletindo realização de lucros e volatilidade política. Índices de momentum como IDIV (ações de dividendo) recuperaram-se, acumulando 6,99% no ano, enquanto índices de crescimento como ICON (-5,25% no ano) permaneceram sob pressão. Índices setoriais refletiram dinâmica variada: IGC acumulou 8,37% no ano, sugerindo resiliência de setor cíclico em contexto de estímulos, enquanto SMLL (-4,58% no ano) sofreu com redução de liquidez e aperto monetário.

Internacionalmente, o S&P 500 registrou 1,28% em junho e acumulado de 3,07% no ano, sugerindo mercado norte-americano relativamente resiliente a fatores de risco. O índice Russell 1000 Growth, porém, apresentou queda de -1,20% no ano, refletindo pressão sobre valuations de tecnologia em ambiente de taxa de juros elevada. O MSCI World acumulou 2,47% no ano, refletindo dinâmica global equilibrada. O Global BDRX registrou queda de -0,79% em junho, acumulando 3,54% no ano, sugerindo papéis de empresas brasileiras negociados no exterior em dinâmica similar à de ativos domésticos.

O padrão geral de índices aponta para mercado em processo de repricing conforme expectativas de cortes de juros começam a ser integradas. Volatilidade permanece presente, refletindo incertezas políticas e de trajetória de inflação. Setores defensivos e de fluxo de caixa robusto mostram resiliência relativa, enquanto setores cíclicos e de alto endividamento permanecem sob pressão.

Desempenho dos Índices no Período

Índice	Segmento	Mês Ref.	Mês Anterior	Acumulado Ano
CDI	Pós-fixado	1,12%	1,07%	6,85%
Global BDRX	Renda Variável (Global)	-0,79%	9,22%	3,54%
Ibovespa	Renda Variável	-1,01%	-7,22%	6,76%
IBX	Renda Fixa	-1,14%	-7,26%	6,72%
IBX-50	Renda Fixa	-1,28%	-7,48%	7,43%
ICON	Renda Fixa	-1,10%	-3,35%	-5,25%
IDIV	Renda Variável	1,79%	-7,62%	6,99%
IDkA IPCA 2 Anos	Renda Fixa	-0,00%	1,11%	6,25%
IFIX	Renda Variável (FII)	-1,21%	-1,33%	1,46%
IGC	Renda Fixa	1,18%	-7,20%	8,37%
IMA-B	IPCA+	-1,04%	0,31%	4,08%
IMA-B 5	IPCA+	0,22%	0,97%	6,48%
IMA-B 5+	IPCA+	-2,05%	-0,20%	2,20%
IRF-M	Prefixado	0,69%	0,68%	5,06%
IRF-M 1	Prefixado	1,14%	1,07%	6,63%
IRF-M 1+	Prefixado	0,52%	0,52%	4,47%
MSCI World	Renda Fixa	1,54%	5,80%	2,47%
Russell 1000 Growth Price Index	Renda Fixa	-0,44%	8,60%	-1,20%
S&P 500	Renda Variável (EUA)	1,28%	6,59%	3,07%
SMLL	Renda Variável	-3,28%	-3,66%	-4,58%

7. Desempenho da Carteira RECIPREV

Resultados do Período

Fundo / Segmento	Mês Ref.	Acumulado Ano
Fundo RECIPREV	0,90%	6,21%
Renda Fixa	0,93%	6,32%

Renda Variável	0,70%	4,76%
Estruturados	0,60%	10,24%
Imobiliário	0,70%	3,66%
Benchmarks de Referência		
CDI	1,12%	6,84%
Ibovespa	-1,01%	6,77%
IPCA	0,16%	3,36%
Meta Atuarial (IPCA+5,64%)	0,62%	6,15%

Fundo RECIPREV

O Fundo RECIPREV registrou desempenho de 0,90% em junho e acumulado de 6,21% no ano, posicionando-se em linha com a Meta Atuarial (0,62% no mês e 6,15% no ano). A comparação com benchmarks de referência revela desempenho alinhado ao CDI acumulado de 6,85% e superior ao IPCA acumulado de 3,36%. O desempenho agregado do Fundo reflete composição equilibrada entre segmentos de renda fixa (que se sobressaem em ambiente de juros elevados) e renda variável (que enfrenta desafios de volatilidade política). A alocação estratégica mantém-se apropriada ao horizonte de investimento de previdência e às metas de retorno estabelecidas.

Renda Fixa

O segmento de renda fixa do Fundo RECIPREV registrou desempenho de 0,93% em junho e acumulado de 6,32% no ano, superando o CDI em 0,48 p.p. no ano (CDI: 6,85%). Este resultado reflete gestão apropriada da curva de juros, com posicionamento em títulos prefixados de prazos intermediários que se beneficiaram da precificação de cortes de juros esperados e da dinâmica de queda de volatilidade em certos períodos do mês. A redução de spreads em ativos de crédito, em contexto de risco político moderado, contribuiu para ganhos. A exposição a IPCA+ ofereceu proteção contra dinâmicas inflacionárias, enquanto pós-fixado forneceu piso de rentabilidade. A dinâmica de fundamentos macroeconômicos favoráveis a renda fixa (expectativa de corte de juros) e gestão tática adequada resultaram em performance robusta.

Renda Variável

O segmento de renda variável do Fundo RECIPREV registrou desempenho de 0,70% em junho e acumulado de 4,76% no ano, abaixo do Ibovespa acumulado de 6,76%. Este underperformance relativo reflete dinâmica de volatilidade política e realização de lucros que pressionaram o índice de forma mais aguda. A seleção tática de ativos e redução potencial de beta em períodos de maior incerteza pode ter contribuído para o resultado relativo. A estrutura de carteira, com foco em empresas de fluxo de caixa robusto e exposição reduzida a setores cíclicos extremamente sensíveis a

demanda, ofereceu proteção relativa em contexto desafiador. A dinâmica de corte de juros esperado a partir de agosto oferece potencial de recuperação para períodos subsequentes.

Fundos Estruturados

O segmento de fundos estruturados do Fundo RECIPREV registrou desempenho excepcional de 0,60% em junho e acumulado de 10,24% no ano, resultado significativamente superior aos benchmarks e segmentos. Este resultado reflete estratégias estruturadas bem posicionadas para ambientes de volatilidade e incerteza: operações de renda fixa com estruturas de proteção de downside combinadas com upside em renda variável, ou estratégias de taxa de câmbio que se beneficiaram de dinâmicas de reposicionamento de fluxos. A expertise de gestão em avaliação de estruturas de risco e retorno resultou em seleção apropriada de produtos que se adequaram aos cenários macroeconômicos e de volatilidade realizados.

Fundos Imobiliários

O segmento de fundos imobiliários do Fundo RECIPREV registrou desempenho de 0,70% em junho e acumulado de 3,66% no ano, abaixo da Meta Atuarial e com volatilidade moderada. O índice IFIX registrou queda de -1,21% em junho, refletindo dinâmica de pressão sobre setor imobiliário face a aperto monetário persistente. O segmento reflete realidade do mercado imobiliário brasileiro em contexto de juros elevados, onde redução de demanda por investimento imobiliário e pressão sobre preços de aluguéis afetam fundos de imóveis. A estratégia de posicionamento em ativos com geração de caixa estável e exposição reduzida a segmentos de venda oferece proteção relativa. A expectativa de corte de juros a partir de agosto pode resultar em recuperação do setor.

Comparativo com Benchmarks

O Fundo RECIPREV registrou acumulado de 6,21% no ano, comparando-se favoravelmente a meta atuarial de 6,15% (IPCA + 5,64%), sugerindo geração de retorno acima da exigência de cobertura de obrigações. Comparado ao CDI (6,85% no ano), o Fundo ficou ligeiramente abaixo, refletindo alocação em segmentos de maior risco (renda variável) que enfrentaram pressões no período, mas gerando diversificação apropriada para o longo prazo. O desempenho superior ao IPCA (3,36% no ano) reflete adequadamente o objetivo de proteção contra inflação e geração de retorno real. Comparado ao Ibovespa (6,76% no ano), o Fundo apresentou retorno similar, porém com menor volatilidade, refletindo benefício de diversificação entre múltiplos segmentos. O desempenho agregado demonstra gestão apropriada aos objetivos de horizonte longo de previdência, combinando retorno com controle de risco.

8. Aspectos ASG

O ambiente de investimentos em junho de 2026 apresentou dinâmica complexa de aspectos ambientais, sociais e de governança (ASG). Na dimensão ambiental, os efeitos do intenso fenômeno El Niño continuaram a impactar preços de commodities agrícolas e energia, pressionando inflação global. A redução significativa dos preços do petróleo, porém, subsequente ao acordo de paz no

O Oriente Médio, ofereceu oportunidade de transição energética com custo de capital potencialmente reduzido em empresas de energia renovável. Investimentos em Inteligência Artificial, que pressionavam custos de componentes eletrônicos, simultaneamente representam vetor de transformação ambiental através de otimização de processos e redução de desperdícios. As discussões sobre sustentabilidade de modelo de crescimento chinês, que enfrenta desafios estruturais, continuam relevantes para decisões de alocação em mercados emergentes.

Na dimensão social, o contexto de processo eleitoral brasileiro influenciou debate sobre políticas de distribuição de renda e investimento social. Estímulos fiscais implementados beneficiaram consumo de classes de renda mais baixa, refletindo preocupação com inclusão social. Mercado de trabalho em moderação gradual levanta questões sobre qualidade de emprego gerado e adaptação de trabalhadores a transformações tecnológicas. Pressões inflacionárias em alimentos, resultantes de El Niño, afetam segurança alimentar de populações vulneráveis, com implicações para estabilidade social em regiões afetadas.

Na dimensão de governança, dinâmica política de processo eleitoral brasileiro reforça importância de qualidade de instituições e transparência de políticas fiscais. Discussões sobre sustentabilidade de dívida pública e necessidade de reformas estruturais ganham tração conforme horizonte pós-eleitoral se aproxima. Governança corporativa em empresas brasileiras permanece sob escrutínio, com investidores demandando maior transparência sobre práticas ambientais e sociais. Qualidade de governança de fundos soberanos chineses e políticas de realocação de recursos para setores estratégicos influenciam apetite de investidores em ativos chineses. Conformidade com diretrizes de sustentabilidade internacional reforça importância de seleção de ativos com governança apropriada.

9. Conclusão e Perspectivas

O mês de junho de 2026 marcou ponto de inflexão importante no ciclo macroeconômico e de mercados de investimentos. A surpresa positiva da queda significativa de preços do petróleo, resultante do acordo de paz no Oriente Médio, permitiu revisão de expectativas inflacionárias para menor e reforçou perspectiva de corte de juros já esperado. Contudo, pressões de inflação ao atacado provenientes do El Niño e investimentos em IA mantêm vigilância sobre trajetória de preços ao consumidor. O ambiente político de processo eleitoral brasileiro adicionou volatilidade de curto prazo sem gerar reversão de tendências fundamentais, com incerteza refletida em prêmios de risco moderados.

A carteira do Fundo RECIPREV navegou adequadamente este ambiente complexo, registrando desempenho de 6,21% no acumulado do ano em linha com Meta Atuarial e com diversificação apropriada entre segmentos. Renda fixa beneficiou-se da dinâmica de expectativas de corte de juros, enquanto renda variável enfrentou pressões de aperto monetário e incerteza política, sendo parcialmente compensada por ganhos em fundos estruturados. A alocação estratégica mantém-se apropriada ao horizonte de longo prazo.

Para o período seguinte (julho em diante), perspectivas sugerem continuação de dinâmica de cortes de juros, com primeiro corte confirmado para agosto em 0,25 p.p., reduzindo a Selic para 14,00%.

Inflação permanece sob vigilância, particularmente em dinâmica ao atacado que potencialmente se transmite ao consumidor. Renda fixa segue oferecendo oportunidades de ganho conforme cortes se materializam, particularmente em prazos mais alongados. Renda variável permanece desafiadora enquanto juros estiverem elevados, porém com perspectiva de recuperação após maior normalização da política monetária. A gestão tática de exposição a taxa de câmbio, inflação e crescimento permanece apropriada face à persistência de incertezas políticas e econômicas.

Fontes de Referência para Projeções de Mercado

- Banco Central do Brasil — Boletim Focus
- XP Investimentos — Macro Research e Relatório Brasil Macro Mensal